

Usiminas¹

Armen Mamigonian²

Os operários defensores da privatização da Usiminas, como o presidente da Associação Comercial de Minas (*Gazeta Mercantil* 19-10-91), alegam que o governo deixou de investir na área social. *"Em vez de produzir mais escolas, o governo passou a produzir mais aço; em vez de construir mais hospitais, passou a distribuir gasolina; em vez de realizar obras de saneamento básico, a fabricar tecidos; em vez de atender a infância carente, passou a administrar hotéis"*. Tratam-se de pessoas desinformadas ou cínicas? A pergunta é pertinente pois, paralelamente, as esquerdas brasileiras até hoje acreditam que é preciso desprivatizar o Estado, como se disse na campanha presidencial e se repete até hoje.

No sistema capitalista o Estado existe para facilitar o processo de acumulação. O capital privado brasileiro não tinha condições nas décadas de 50 e 60 de produzir aço, petróleo, etc. e por isto mesmo jogou seu Estado a desempenhar este papel, assim como jogou nas mãos do seu Estado hotéis, fábricas de tecidos que haviam fracassado. Assim também, para implantar a indústria mecânica pesada na década de 70 (governo Geisel), o setor privado (Villares, Bardella, etc.) recebeu subsídios de US\$ 2,5 bilhões com o congelamento da correção monetária dos empréstimos em 30% ao ano. Esta é a história do endividamento do Estado brasileiro.

Assim, é intrínseco do sistema capitalista um alto grau de privatização do Estado e por isto o dilema privatização versus estatização é um falso dilema. A pergunta que deve ser feita pelo movimento dos trabalhadores é a seguinte: o que deve ser privatizado e o que deve ser estatizado no interesse da maioria da

¹ Publicado no Jornal "O ESTADO" de 06/11/1991.

² Professor do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

população? Para responder esta questão é preciso, como ensina Rangel, localizar os nós de estrangulamento da economia, isto é os setores carentes de investimentos. A resposta se tornou óbvia ultimamente: os serviços de infra-estrutura detidos pelo Estado, como rodovias, ferrovias, eletricidade, telefonia, metrô, saneamento básico, etc. Eis os lugares onde o Estado deve abrir possibilidades de investimentos ao capital privado, que dispõe de capacidades ociosas em máquinas e outros recursos (empresárias por exemplo). Foi o que fez Erundina em SPaulo ao passar à Shell a recuperação de interlagos e agora Fleury ao ceder a duplicação da Dutra, Regis Bittencourt e Fernão Dias ao setor privado, a ser remunerado pela cobrança de pedágio, etc. Isto interessa aos trabalhadores por que significa a criação de milhares e milhares de empregos e melhores condições de luta no mercado de trabalho.

Este é o caminho para saída da crise e o movimento dos trabalhadores tem interesse em discutir urgentemente privatização e estatização para poder disputar a hegemonia das propostas alternativas à fracassada política econômica do governo. Quanto a estatização, por exemplo, é evidente que é preciso reforçar a participação do Estado no comércio exterior, como fazia a Interbrás, *trading* da Petrobrás, extinta de maneira suspeita pelo atual desgoverno. Igualmente é preciso discutir que tipo de reforma agrária deve ser feita, etc.

A privatização da Usiminas pode ser benéfica ao capital privado, especialmente por se tratar de troca de papéis da dívida pública de valor duvidoso por ativos industriais em boas condições. Mas aos trabalhadores interessa a privatização que atenda ao custo-benefício social e não simplesmente empresarial. Como a Usiminas não requer investimentos, pois ela está funcionando bem, trata-se de uma simples troca de mãos, uma ação entre amigos.